

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MIGUEL HENRIQUE ALEXANDRE DIAS ALVES

A GUERRA DO PACÍFICO (1879-1883):

uma análise da fricção clausewitziana

Rio de Janeiro

2020

CC MIGUEL HENRIQUE ALEXANDRE DIAS ALVES

A GUERRA DO PACÍFICO (1879-1883):

uma análise da fricção clausewitziana

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Otacilio B. Peçanha

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que nos proporciona a vida e todas as outras coisas. Nada é possível sem Ele.

À minha esposa Alexandra e meu filho Rafael, pelo amor incondicional, que sempre renovava minhas forças a cada novo mergulho nos pensamentos de Clausewitz e nas batalhas da Guerra do Pacífico. Obrigado por entenderem que, mesmo estando em casa, lhes privei muitas vezes da minha presença.

Ao meu pai Eduardo Henrique, pelos debates e ensinamentos que só um militar de grande experiência e um historiador entusiasmado poderiam me proporcionar.

À minha mãe Maria do Rosário, que com dedicação sem igual me apoiou o tempo todo ao longo desse difícil, mas gratificante, processo de produção acadêmica.

Ao meu orientador, Capitão de Mar-e-Guerra (RM1) Otacílio Bandeira Peçanha, pela serenidade na forma de transmitir seu vasto conhecimento, e pela qualidade das instruções que nortearam minha investigação e aplicação metodológica neste trabalho.

Por fim, à Escola de Guerra Naval, instituição de ensino que fomentou em mim a vontade de aprofundar os estudos sobre estratégia militar.

“A batalha que estamos travando aqui não é contra o inimigo, mas contra os elementos que nos cercam.”
(Estanislau del Canto Arteaga, 1882. In: SATER, 2007, p. 321).

RESUMO

A fricção, termo desenvolvido como parte da teoria de Carl Von Clausewitz (1780-1831) sobre a guerra, possui como fonte adversidades enfrentadas pelos militares no combate real e nas suas movimentações. O objetivo desta pesquisa foi explicar tal conceito investigando indícios de sua ocorrência nas dificuldades surgidas durante a Guerra do Pacífico (1879-1883), conflito que originou disputas políticas entre os países envolvidos que permanecem até os dias atuais. Os obstáculos vivenciados pelas forças armadas chilenas, peruanas e bolivianas serviram de verificação para análise do teste da teoria na realidade, e o propósito foi averiguar se a fricção ocorreu conforme descrito pelo estrategista prussiano. Procurou-se ainda avaliar o grau de interferência do termo na execução do planejamento estratégico da guerra. A concepção do conceito permeia toda a obra do autor. Por outro lado, é importante, principalmente para a Marinha do Brasil, conhecer melhor o entorno estratégico brasileiro, o que reveste de relevância o estudo da Guerra do Pacífico como objeto. Examinou-se amostras de eventos da contenda que foram identificadas como fricções, e avaliados seus impactos no nível estratégico. Ao final, sugeriu-se que a fricção influenciou na dimensão estratégica da guerra, contribuindo para a liberdade de ação no mar para o Chile, além de proporcionar superioridade relativa de poder combatente ao mesmo. Com isso, colaborou-se para o incremento de conhecimento sobre a teoria clausewitziana associada ao conflito em tela, culminando com a proposição de possíveis novas pesquisas sobre o assunto.

Palavras-chave: Clausewitz. Fricção. Guerra do Pacífico. Chile. Peru. Bolívia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Avanço chileno pelo mar e principais batalhas da Guerra do Pacífico	50
Quadro 1 - Cronologia da Guerra do Pacífico	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CONCEITO FUNDAMENTAL NA GUERRA REAL: A FRICÇÃO	10
2.1	CARACTERÍSTICAS DA ESTRATÉGIA DE CLAUSEWITZ E A FRICÇÃO	10
2.2	A TRINDADE DE CLAUSEWITZ E SUA CORRELAÇÃO COM A FRICÇÃO..	14
2.3	AS MANIFESTAÇÕES E RESPOSTAS À FRICÇÃO CLAUSEWITZIANA	15
2.4	PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DA FRICÇÃO	19
3	A GUERRA ENTRE O PACÍFICO E OS ANDES	21
3.1	DESEMBARQUES, BLOQUEIOS E BATALHAS NAVAIS	23
3.2	DE ANTOFAGASTA A TARAPACÁ: O CHILE CONTRA A ALIANÇA.....	25
3.3	O FIM DA ALIANÇA, O PERU COMBATE SOZINHO EM ARICA	28
3.4	A OCUPAÇÃO DE LIMA E A RESISTÊNCIA PERUANA.....	30
4	AS FRICÇÕES NAS CAMPANHAS DA GUERRA DO PACÍFICO	34
4.1	A ATUAÇÃO DA ATMOSFERA DA GUERRA NAS FORÇAS.....	35
4.1.1	Os impactos do Deserto do Atacama	35
4.1.2	A utilização das características geográficas do mar.....	38
4.1.3	Os desafios da Cordilheira dos Andes.....	39
4.2	OS CHOQUES INTERNOS DA ALIANÇA	41
4.3	AS CONSEQUÊNCIAS ESTRATÉGICAS DAS FRICÇÕES	42
5	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO A - Mapa	50
	ANEXO B - Quadro	51

1 INTRODUÇÃO

A estratégia militar não pode prescindir de considerar em sua análise as adversidades que a guerra impõe aos seus participantes. Durante o combate os obstáculos a serem enfrentados, as relações interpessoais, as reações ao perigo, os valores morais envolvidos e diversos outros fatores que interferem no comportamento dos combatentes podem definir o resultado de uma contenda.

O tema proposto nesta investigação compõe parte da visão sobre a guerra de Carl Von Clausewitz (1780-1831), que, apesar de sua teorização da guerra possuir quase 200 anos de existência, ainda hoje é pesquisada por estudiosos civis e militares. Sua abrangência e profundidade normalmente desperta interesse no profissional das armas, principalmente naquele que se encontra no nível estratégico de planejamento e execução. Os conceitos desenvolvidos pelo general prussiano, como centro de gravidade, ponto culminante e fricção, servem como base teórica para muitas concepções estratégicas da atualidade. Neste trabalho, abordaremos um desses conceitos: a fricção.

Nosso propósito é explicar a fricção clausewitziana, buscando evidências de sua ocorrência nos problemas enfrentados pelas forças armadas envolvidas na Guerra do Pacífico (1879-1883), e verificar se esses indícios, caso identificados, foram decisivos para o resultado do conflito em questão, impactando no nível estratégico de execução do confronto. Ressaltamos que a importância desta investigação é baseada na intenção de demonstrar a relevância do conceito para a estratégia militar.

Para se atingir a finalidade deste trabalho optamos por realizar o teste da teoria na realidade, a fim de averiguar se o conceito efetivamente ocorre segundo a explicação do seu autor e de seus principais intérpretes, além de analisarmos o seu grau de interferência no cumprimento do planejamento estratégico da guerra.

A utilização do conceito de fricção em uma guerra específica, neste caso a do Pacífico, ocorrida entre 1879 e 1883, na região ocidental da América do Sul, entre o oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes, nos possibilita um balizamento no tempo e no espaço. Dessa maneira, o objeto proporciona condições para ser examinado e testado.

O enfoque do nosso raciocínio será aprofundarmos o conhecimento sobre a fricção. Para isso, necessitaremos caracterizar o conceito e relacioná-lo com outros aspectos do pensamento estratégico de Clausewitz. Desta forma, poderemos realizar a verificação do ponto de vista do teórico na conjuntura do conflito a ser investigado.

A motivação da escolha do objeto desse trabalho, visa a conhecer melhor o entorno estratégico brasileiro, neste caso, aspectos militar e histórico, que é fundamental para a Marinha do Brasil. A Guerra do Pacífico envolveu a República do Chile contra a República do Peru e contra o Estado Plurinacional da Bolívia, e ainda hoje reflete disputas políticas entre esses países. Os bolivianos perderam sua saída para o mar nesse conflito e, atualmente, reivindicam o acesso novamente. Esse fato, gera, até hoje, divergências entre La Paz e Santiago. Por sua vez, o Peru também sustenta desacordos com os chilenos sobre o estabelecimento dos limites de seu mar territorial.

Nossa análise priorizará a perspectiva estratégica da guerra, especificamente as situações identificadas como potenciais existências de fricção. Outras particularidades como comparação de poderes combatentes, táticas empregadas, logística e fatores políticos, serão utilizadas como base de sustentação para esclarecerem determinados exemplos, e proporcionarem um entendimento geral do conflito, porém não serão o foco dessa pesquisa.

O estudo da nossa exposição consistirá em cinco capítulos, incluindo esta introdução. No segundo capítulo faremos uma explanação teórica sobre a fricção clausewitziana. Tangenciaremos outros dois pontos de sua estratégia: o raciocínio dialético e a

tríade desenvolvida pelo autor, que nos auxiliarão na testagem do conceito na realidade escolhida.

No terceiro capítulo, realizaremos uma contextualização sobre a Guerra do Pacífico. Nossa intenção é proporcionar um entendimento geral do conflito, do qual serão retiradas as amostras das causas e dos efeitos das prováveis fricções, que eventualmente ocorreram nas batalhas e nas movimentações das forças pelo mar e por terra.

Abordaremos no capítulo quatro as análises das evidências de fricção encontradas. Nessa etapa, as origens e os efeitos do conceito clausewitziano poderão ser efetivamente identificados e testados. Com isso, teremos condições de verificar se a teoria, descrita no segundo capítulo, possui relevância na situação real de um conflito sul-americano, que envolveu três de seus países. Assim, pretendemos encontrar fricções que influenciaram a dimensão estratégica da guerra.

Finalmente, fundamentados no raciocínio e na argumentação dos capítulos antecedentes, pretendemos concluir de que forma a fricção de Clausewitz influenciou no desempenho das forças armadas participantes da Guerra do Pacífico. Sendo assim, em primeiro lugar, nos dedicaremos à investigação teórica, abordaremos a noção de fricção, suas características, conceitos correlatos e formas de manifestação, além de propormos uma classificação para seus principais tipos.

2 CONCEITO FUNDAMENTAL NA GUERRA REAL: A FRICÇÃO

Este capítulo está dividido em quatro seções, e se propõe a tratar da fricção de Clausewitz na guerra, da dinâmica desse conceito na sua teoria estratégica, da sua relação de causa e efeito e formas de apresentação, além de maneiras de redução do seu impacto. Adicionalmente, sugeriremos uma classificação de suas principais formas de apresentação, sem a aspiração de englobar todas as suas possibilidades de manifestação.

Inicialmente, iremos expor características gerais da teoria de Clausewitz e identificaremos o período e o ponto inicial do desenvolvimento da fricção. Com isso, estabeleceremos uma definição didática do termo para esse trabalho. Em seguida, faremos uma análise das relações de causa e efeito e de contato da fricção com a “trindade clausewitziana”, e como essa conexão influencia o mecanismo de funcionamento do conceito selecionado para o estudo.

Posteriormente, novamente sem a intenção de esgotar todos os exemplos, examinaremos diversas situações nas quais a fricção pode ocorrer na guerra, e como Clausewitz sugeriu minimizar o seu impacto negativo. Por último, com base em interpretações da teoria do estrategista, sugeriremos uma classificação para os tipos mais relevantes de fricção. Dessa forma, o termo poderá ser usado como base teórica para analisarmos a realidade selecionada.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA ESTRATÉGIA DE CLAUSEWITZ E A FRICÇÃO

Clausewitz empenhou-se em produzir um estudo da guerra amplo e atemporal, identificando elementos permanentes e constantes. Assim, a busca por conceitos gerais e abstratos, testados em exemplos históricos reais, inclusive com alguns vivenciados pelo

próprio, permeiam todo o seu pensamento estratégico. Sua principal ferramenta de análise foi a dialética (PARET, 2015).

A dialética de Clausewitz diferencia-se do conceito clássico de seu contemporâneo, Georg Wilhelm Friederich Hegel (1770-1831). Ele não procurou uma tese em contraposição a uma antítese para encontrar a síntese. O estrategista encara a dialética como dois elementos opostos que interagem a todo momento, porém não se fundem. Assim, provocam efeitos dinâmicos¹ que são analisados constantemente em sua obra (HOWARD, 2002).

Dessa forma, as relações entre ofensiva e defensiva, guerra teórica e guerra verdadeira, forças físicas e morais, meios e fins e outras dualidades, são frequentemente abordadas em sua concepção estratégica. Esses termos contrários relacionam-se entre si nos escritos do estrategista, onde polos se complementam para a efetiva compreensão da execução do planejamento na guerra (HOWARD, 2002).

Em sua principal obra, em alemão, *Vom Kriege* (Da guerra), Clausewitz (2017) procurou definir componentes perenes da guerra e compreender seus mecanismos de atuação. Para ele, a fricção era um desses elementos fundamentais. Segundo o estrategista, entre a efetiva utilização dos meios e o atingimento da finalidade no combate, há uma névoa que impede a conexão perfeita do planejamento com a execução. Esse obstáculo é a fricção, que pode se apresentar de diferentes maneiras (PARET, 2015).

As estratégias militares contemporâneas possuem suas origens no desenvolvimento das guerras ocorridas entre o início da Revolução Francesa e o final do Período Napoleônico (1789-1815). Foi durante aquela época, de intensos conflitos na Europa, que Clausewitz iniciou os escritos de seu pensamento estratégico, onde desenvolveu o conceito de fricção (COUTAUBÉGARIE, 2010).

¹ A visão clausewitziana de encarar conceitos de forma dinâmica, demonstra a influência da física newtoniana no seu raciocínio (HOWARD, 2002).

A primeira menção do estrategista sobre fricção ocorreu durante sua participação na Batalha de Auerstaed (1806), travada no contexto das guerras napoleônicas na cidade de mesmo nome, no interior da Prússia. Em carta enviada a sua futura esposa Marie Von Brühl (1779-1836), Clausewitz citou a dificuldade do general Gerhard Johann David Von Scharnhorst² (1755-1813) de implantar sua estratégia em combate, em virtude de divergências com outros generais do próprio exército (WATTS, 2004).

A carta revelou a resistência dos outros comandantes às ordens de Scharnhorst, o que resultou na perda da batalha para os franceses e na retirada da Prússia. Clausewitz intitulou esta divergência entre líderes de, em alemão, “*friktion*” (fricção). A partir desse evento, o estrategista iniciou o desenvolvimento do significado do termo, procurando a abrangência própria de sua teoria, evitando um pragmatismo doutrinário (WATTS, 2004).

Apesar de a referência inicial tratar de uma discordância sobre o emprego da força entre generais, esse seria apenas um exemplo particular da presença do conceito em sua obra. Para Clausewitz (2017, p. 165), “a noção de fricção é a única que corresponde, de uma maneira bastante geral, àquilo que distingue a guerra real da que se pode ler nos livros”.

Segundo o teórico, o que tornava a fricção um elemento a ser considerado na estratégia eram diversos fatores existentes na atmosfera da guerra³. Na sua visão, a guerra constituía-se na execução de ordens simples, mas a imprevisibilidade resultante das movimentações de forças e do choque entre exércitos, acumulava pequenas dificuldades. A concentração da soma desses obstáculos formava a força potencial que poderia produzir a

² Scharnhorst foi um personagem importante na vida de Clausewitz. Na época em que o estrategista cursou a Escola Militar de Berlim (1801-1804), Scharnhorst era diretor da instituição e o indicou para ser ajudante de campo do príncipe Augusto da Prússia (1779-1843). Clausewitz tornou-se seu grande admirador e amigo, as ideias de Scharnhorst influenciaram na concepção estratégica do teórico, que em 1808 auxiliou Scharnhorst na reorganização do exército prussiano (PARET, 2015).

³ Para Clausewitz, a atmosfera da guerra é representada por elementos como o perigo e a exaustão, que se entrelaçam e formam barreiras para a execução do planejamento estratégico (CLAUSEWITZ, 2017).

fricção, que derivava da postura dos combatentes e da forma de utilização da máquina militar⁴ (CLAUSEWITZ, 2017).

Clausewitz (2017) dedicou um capítulo inteiro do primeiro livro que compõe os oito volumes de “Da guerra”, para explicar a fricção, suas formas de atuação e sua dinâmica de funcionamento. É importante destacar que o tratado é um compêndio de livros inacabados, porém, de acordo com escritos do próprio autor, o livro que engloba a explicação de fricção já se encontrava em sua forma final.

Assim, para efeito deste estudo, conceituaremos a fricção como a dificuldade de reação das forças armadas em relação às situações inesperadas que surgem na guerra real, resultante das interações ocorridas entre os seus componentes com o ambiente⁵, e das relações interpessoais entre os combatentes de uma mesma força, que se apresentem como obstáculos para alcançar o efeito desejado. Esse conceito é de nossa lavra própria, e serve somente para fins didáticos e específicos deste trabalho.

Ressaltamos que, em virtude de o termo possuir a abstração de Clausewitz (2017), podemos adequá-lo à realidade que se está analisando, mesmo com a defesa do estrategista prussiano de que a fricção dificilmente poderia ser completamente definida. Segundo ele, qualquer conceituação mais detalhada demandaria primeiro o esgotamento do conhecimento de todas as dificuldades que originam o termo. Como esses problemas são infundáveis, não haveria como englobar todas as suas possibilidades em um conceito específico.

⁴ Segundo o estrategista, máquina militar é o exército e tudo que se relaciona a ele (CLAUSEWITZ, 2017).

⁵ Entende-se por ambiente tanto o aspecto da geografia física, como os fatores psicológicos da guerra real, onde sentimentos como medo e insegurança podem influenciar as decisões de qualquer militar (CLAUSEWITZ, 2017).

2.2 A TRINDADE DE CLAUSEWITZ E SUA CORRELAÇÃO COM A FRICÇÃO

Outra estrutura conceitual para entendermos o pensamento estratégico de Clausewitz, e a atuação da fricção na guerra, é a trindade clausewitziana. Para ele, a guerra real é constituída por três vértices de um triângulo, que possuem características específicas: violência e paixão – incerteza, chance e probabilidade – e a razão. Desde um simples deslocamento de forças, até o mais alto grau de hostilidades num conflito, essas três pontas se relacionam mutuamente (PARET, 2015).

Para Clausewitz, a violência organizada é a característica que distingue a guerra dos outros fenômenos sociais. Influenciadas pelos valores e comportamentos de uma sociedade, a violência e a paixão são a força motriz do combatente na guerra. Dessa forma, a componente violência e paixão é representada pelo povo, com suas atitudes e manifestações de vontade. Essas ações formam o psicológico que organiza o comportamento geral de uma coletividade no combate (PARET, 2015).

A incerteza, a chance e a probabilidade são representadas pelo planejamento e execução da estratégia a ser adotada. Este vértice do triângulo é formado pelo comandante e suas forças. A inteligência e o talento desses profissionais conduzem o que foi estabelecido pelo campo político, a fim de alcançar o objetivo final da guerra. O exército tentará, com o planejamento, evitar os possíveis acasos que venham a ocorrer (PARET, 2015).

Necessita-se diferenciar o acaso da fricção. O acaso é o evento não previsto no planejamento, aquilo que não foi estudado para a atuação das forças na batalha. A fricção possui outro significado, ela é a dificuldade de reação do exército ao acaso, portanto um conceito dinâmico. O acaso é o fato impeditivo e a fricção é a efetiva resistência para vencer esse evento. Dessa forma, o acaso representa os problemas inesperados a enfrentar, e a fricção a reação que o estrategista precisa vencer para resolvê-los.

A razão é o elemento norteador da violência organizada e do planejamento e execução da estratégia. Este componente é revelado no propósito e no efeito político desejados, que definem qual será a finalidade da guerra. Assim, a racionalidade é representada pelo governo constituído do Estado. Esse direcionamento político influenciará o nível de violência a ser empregado e as restrições ao planejamento e ao emprego das forças militares (PARET, 2015).

Portanto, o povo, o exército e o governo se inter-relacionam e possuem, cada um, sua parcela de participação na guerra. As características destes atores influenciam na intensidade de atuação da fricção. Essa poderá ser maior ou menor, dependendo das falhas e do grau de atuação de cada ponta da trindade clausewitziana na elaboração e na execução da estratégia a ser utilizada.

2.3 AS MANIFESTAÇÕES E RESPOSTAS À FRICÇÃO CLAUSEWITZIANA

As formas de apresentação da fricção na guerra são inúmeras, e podem mudar ao longo do tempo. As diversas manifestações expostas nesta seção possuem o objetivo de aprimorar o nosso entendimento de sua dinâmica, possibilitando uma compreensão mais apurada do significado e da importância do conceito dentro do pensamento estratégico de Clausewitz.

O perigo está constantemente presente no combate. Desta forma, a sensação de viver frequentemente sob ameaças diversas pode representar uma maneira de surgimento da fricção. Visto que esse fenômeno compõe a realidade da guerra, ele é capaz de influenciar os militares em suas ações.

O ambiente de medo e incerteza existente em um conflito armado, proveniente do perigo conforme descrito acima, carrega consigo uma imprevisibilidade. Dependendo de como

o general e suas forças resistam a essas dificuldades, poderão surgir obstáculos intransponíveis ao exército (PARET, 2015).

A falta de um reconhecimento adequado do terreno ou da composição das forças inimigas, com imperfeições nas informações, impossibilitando a confecção de um planejamento coerente e possível de ser executado, é também uma fonte de fricção. Afinal, a adversidade enfrentada em virtude de falhas de observações na preparação para o combate, e percebida na realidade da guerra, compõe a incerteza e o acaso abordados por Clausewitz (2017).

Os obstáculos da geografia do teatro de operações também podem originar fricções para o avanço das forças militares. Com isso, as condições do mar e climáticas e o tipo e recorte do terreno são características que, mesmo quando inseridas no planejamento, no momento de sua transposição podem se apresentar como fator limitador para a utilização do exército (CLAUSEWITZ, 2017).

As falhas na escolha dos meios a serem empregados, para se adequarem à finalidade da guerra, também representam uma origem de fricção. Por mais que o planejamento contemple material e pessoal apropriados, na realidade da guerra haverá necessidade de itens que não foram fornecidos (HOWARD, 2002).

A dificuldade de relacionamento entre os combatentes, principalmente entre os de maior patente, se não resolvida, cria um entrave para o cumprimento da finalidade desejada. A aplicação dos conhecimentos dos líderes na tomada de decisão sobre o movimento de suas forças, quando não coordenadas entre si, pode resultar em perda da batalha, assim como destacou Clausewitz em sua primeira menção sobre a fricção (WATTS, 2004).

A falta de condições físicas e o baixo moral dos militares são citados por Clausewitz (2017) como fonte de fricção, pois à medida que a severidade do combate aumenta, esses componentes são progressivamente abalados, inserindo maior probabilidade de falhas nas decisões e nas ações.

Em relação ao moral dos militares, é importante ressaltarmos a influência da violência e da paixão atuando no psicológico das forças armadas, lembrando que o povo e o exército são vértices da trindade clausewitziana. Assim, quanto mais aguerrida for uma determinada população que componha um exército, mais elevado será o moral dos combatentes que integram essa força.

Isto posto, não é objetivo deste trabalho englobar todas as possibilidades de ocorrência da fricção. É preciso termos em mente que as dificuldades geradas pelas incertezas e acasos da guerra real transformam a simplicidade das ordens em execuções complexas e diferentes das idealizadas no plano estratégico⁶. O próprio Clausewitz concluiu que não há como esgotar o assunto:

Estes pormenores só pretendem precisar os fatos a fim de que autor e leitor permaneçam atentos a este tema; de outro modo, era preciso escrever muitos volumes a propósito dessas dificuldades. Para dar uma ideia precisa das inumeráveis pequenas dificuldades que a guerra obriga a vencer era necessário ilustrá-las através de uma tal profusão de exemplos que recaríamos aborrecer o leitor. Quanto àqueles que há muito tempo nos compreenderam, que se dignem desculpar-nos por termos citados alguns (CLAUSEWITZ, 2017, p. 165).

Partindo do argumento básico de que a fricção é identificada no momento da guerra real, as soluções indicadas por Clausewitz (2017) para vencer essa proposição nos apontam para a necessidade de decisões rápidas e firmes, com pouco tempo de raciocínio. Desse modo, a experiência, o moral do exército e a genialidade do general foram os fatores citados pelo estrategista como possíveis respostas para minimizar o impacto desse elemento permanente da estratégia.

Por mais que se elabore um planejamento minucioso, com adequado balanceamento de meios, isso não substituirá a experiência adquirida por um exército, tanto de forma coletiva como individual, é um conhecimento direto que possibilita a sustentação imediata para decisões

⁶ Para Clausewitz um plano estratégico estabelece quando, onde e com que forças será travada uma guerra (CLAUSEWITZ, 2017).

e ações em combate. Clausewitz defende que um combatente sem experiência de guerra não possui capacidade para identificar as constantes dificuldades existentes em sua atmosfera (HOWARD, 2002).

O elevado moral da tropa é um atributo que Clausewitz utiliza como forma de reduzir a fricção. Representado por enérgica determinação de vencer, somado com maior entusiasmo pela guerra quando comparado ao oponente, esse elemento pode proporcionar ao exército a oportunidade de ultrapassar difíceis obstáculos do terreno, de superar o cansaço físico, enfim, de realizar feitos que, em condições normais, representariam adversidades talvez intransponíveis (PARET, 2015).

Segundo Raymond Aron (1986), até mesmo intérpretes contrários à determinadas ideias de Clausewitz, como B. H. Liddel Hart (1895-1970), concordam que a introdução da influência do moral do exército na teoria estratégica pertence ao general prussiano. Neste sentido, Aron conclui que na dialética entre forças físicas e morais, a essência da guerra está nesta última. Afinal, sendo a guerra uma interação de confronto entre vontades humanas, a obstinação pela vitória é particularmente importante para esse fenômeno social (ARON, 1986).

Por fim, a genialidade do comandante é fundamental para reduzir a fricção na concepção estratégica clausewitziana. Ele entendia essa característica não como uma qualidade rara, mas sim como o talento e a capacidade necessárias para decidir corretamente. Conseguir a condução precisa da tropa diante da realidade da guerra, só poderia ser obtida por um general que possuísse competências intelectuais e psicológicas específicas para superar as incertezas e as imprevisibilidades do acaso (PARET, 2015).

2.4 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DA FRICÇÃO

As diversas origens e formas de apresentação da fricção dificultam a estruturação dos tipos de manifestação do fenômeno. Nosso objetivo em sistematizar o assunto é propiciar um método funcional para empregá-la objetivamente em determinada situação, sem a pretensão de abrangermos todas as suas possibilidades. A estrutura que pretendemos propor nesta seção restringe-se a organizar o estudo do termo para aplicarmos na investigação deste trabalho.

Coutau-Bégarie (2010) divide a fricção em dois sentidos, um amplo e outro restrito. O autor possui o mesmo ponto de vista de Clausewitz, de que, por mais que se tente, não há como parametrizar totalmente o resultado de uma guerra. Com efeito, é devido ao embate entre duas forças, e ao contato do exército com o ambiente, e/ou desse com seus próprios componentes, que a linearidade escapa a todo momento da execução do planejamento.

A fricção ampla de Coutau-Bégarie é chamada por Clausewitz de “conceito geral da fricção”. São problemas provenientes da atmosfera da guerra. Assim, podemos citar as dificuldades impostas pela geografia do teatro de operações, o medo do perigo, a deterioração das forças físicas e morais frente às imprevisibilidades, a resposta errada ao acaso originada da contradição e da falta de informações como alguns de seus exemplos. Desta forma, podemos inferir que são todas as resultantes das resistências às incertezas causadas por fatores exógenos à máquina de guerra (CLAUSEWITZ, 2007).

O sentido restrito da fricção compreende então aspectos endógenos da força militar. Divergências internas dos mais diversos tipos como conflitos de personalidade, intenções de manobra diferentes com negação de cooperação, além de mentalidades e culturas díspares. Os atores envolvidos também são heterogêneos, tanto em escala hierárquica como em alianças de Estados ou operações conjuntas entre forças (naval, terrestre e aérea) (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

A classificação apresentada baseia-se em uma das dialéticas de Clausewitz, na qual fatores e atores interagem num processo constante, possibilitando a identificação da fricção. Assim, fatores como o perigo, o cansaço físico, o moral baixo e os acasos da guerra agem a todo momento sobre o gênio militar, o exército e seus aliados. Esses também produzem fricções entre si (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Desta forma, empregaremos a estrutura pensada por Coutau-Bégarie para classificar as fricções que forem encontradas ao longo da pesquisa.

Após conceituarmos a fricção, delimitá-la de forma didática para este estudo e demonstrarmos sua importância para a estratégia de Clausewitz, destacaremos os principais pontos de interesse para esta pesquisa: a fricção não é um conceito estático e necessita da interação entre atores de um mesmo exército ou desses com fatores externos. A relação entre os vértices da trindade clausewitziana na guerra é capaz de gerar ou reduzir uma fricção. As possibilidades de surgimento da fricção são diversas, somente a realidade da guerra poderá expor suas manifestações.

Tendo em vista a necessidade da existência de uma guerra de fato para que se encontre a ocorrência de fricção, investigaremos evidências efetivas dessa definição na Guerra do Pacífico. No próximo capítulo produziremos uma contextualização da cinemática desse evento, a fim de permitir que efetueemos um teste real da teoria.

3 A GUERRA ENTRE O PACÍFICO E OS ANDES

Após falarmos sobre o conceito de fricção no capítulo anterior, abordaremos nesta etapa do estudo os movimentos das forças armadas de Chile, Peru e Bolívia na Guerra do Pacífico. Exibiremos, de forma resumida, os motivos que conflagraram o conflito e a situação político-militar dos países à época. Em seguida, dividido em quatro seções, trataremos sobre o ambiente naval e as campanhas terrestres que compreenderam o episódio.

Nossa intenção é obtermos uma compreensão geral das circunstâncias da contenda e de suas operações. Com isso, estaremos em condições para, mais adiante, utilizarmos amostras desses acontecimentos como prováveis fricções clausewitzianas. Não iremos realizar um histórico, e sim exibiremos a conjuntura da qual as evidências dos testes desta investigação foram retiradas, com comentários de cunho estratégico, logístico e tático. Os ANEXOS A e B deste trabalho apresentam, respectivamente, um esquema de movimentação das forças armadas chilenas (com as principais batalhas da guerra) e o QUADRO 1, com a cronologia dos eventos, caso o leitor queira se aprofundar no assunto.

Os principais motivos da eclosão da guerra, que ocorreu entre fevereiro de 1879 e novembro de 1883 (HOSIASSON, 2011), foram disputas pelo lucro da extração de guano⁷ e salitre⁸ no deserto do Atacama, além de divergências sobre demarcações dos limites de fronteiras entre os países da região. Somado às causas apontadas, o Chile já havia vencido um conflito contra o Peru e a Bolívia em 1839, assim a rivalidade entre esses Estados era notória. Esse fato, influenciou na assinatura de um tratado secreto para proteção mútua entre os dois perdedores em 1873 (BETHELL, 2008).

⁷ Fertilizante orgânico proveniente do depósito de excrementos de ave da região do Deserto do Atacama (HOSIASSON, 2011).

⁸ Mineral fundamental na confecção de explosivos à época (ESPOSITO, 2016).

Às vésperas da deflagração da guerra, o Chile não estava preparado militarmente, exceto por possuir meios navais compatíveis com os existentes no Peru. Pesava a seu favor a estabilidade político-econômica e um maior nacionalismo em relação aos vizinhos da fronteira norte-nordeste (BETHELL, 2008).

Governada pelo general e ditador Hilarión Daza Groselle (1840-1894), a Bolívia não contava com marinha de guerra, e também não demonstrou interesse em povoar sua parte do Deserto do Atacama. Ao contrário, a grande parcela dos trabalhadores que explorava suas minas também era chilena. Com efeito, optou o congresso, controlado por Daza, em romper o tratado referente à taxaço de impostos sobre as empresas chilenas de extração do salitre. Esse foi o estopim da guerra, que levaria as forças armadas chilenas até a capital peruana (ESPOSITO, 2016).

[...]aproveitando a Bolívia (*sic*), em fins de 1878, a ocasião em que as relações entre a republica (*sic*) platina e a transandina se tornavam tão azedas que parecia deverem ter desfecho desagradavel (*sic*) e encaminhar para rompimento formal, o congresso gravou com impostos novos e pesados as industrias (*sic*) chilenas de Antofagasta e Mejillones e ordenou ao prefeito do departamento procedesse á (*sic*) imediata confiscação e venda dos bens da companhia, caso se lhe oferecesse a mais ligeira contestação e resistência (TAUNAY, 1925, p. 21).

O Peru vivia sob o jugo de caudilhos⁹, e somado à grande instabilidade política evitava, naquele momento, entrar em qualquer confronto internacional. Após tentar mediar, sem sucesso, as diferenças entre Chile e Bolívia, sua dependência econômica em relação à extração do salitre, explorado em sua maioria por trabalhadores chilenos, acrescido ao tratado de defesa secreto, de 1873, com La Paz, acabou ingressando no lado boliviano do conflito (TAUNAY, 1925).

⁹ Líderes políticos carismáticos pertencentes a elites tradicionais de uma determinada sociedade, comumente composta por grandes proprietários de terra e/ou militares. Geralmente, os caudilhos procuram permanecer no governo por mais tempo do que o previsto. O caudilhismo é uma maneira diferente da democracia representativa de exercer o poder (BOBBIO, MATTEUCCI; PASQUINO, 1999).

Assim se iniciou o conflito que levou três países sul-americanos a disputarem o domínio de extenso litoral e de parte do Deserto do Atacama. O teatro de operações abrangeu tanto o ambiente marítimo como o terrestre. Examinaremos ambos nas seções a seguir.

3.1 DESEMBARQUES, BLOQUEIOS E BATALHAS NAVAIS

A quase inexistência de ferrovias e estradas, sobretudo no sentido norte-sul, fez com que a necessidade de controlar as linhas de comunicação marítimas se tornasse fundamental para ambas as forças (ESPOSITO, 2016). O próprio início da guerra demonstraria este argumento.

A Bolívia pretendia leiloar propriedades de empresas chilenas ligadas à extração de minerais. Com o objetivo de proteger suas companhias dessa ação, o Chile, se utilizando da marinha de guerra, desembarcou com aproximadamente 500 militares na cidade de Antofagasta, à época pertencente ao governo de La Paz (TAUNAY, 1925).

Após a ocupação da principal cidade portuária de escoamento de minérios boliviana, Daza declarou formalmente guerra contra Aníbal Pinto Garmendia (1825-1884), presidente chileno. Em sequência, o Chile concretizou a conquista das saídas bolivianas para o mar, se apropriando dos portos de Cobija e Tocopilla (TAUNAY, 1925).

Em ato contínuo, no dia 5 de abril de 1879, a armada chilena bloqueou o porto peruano de Iquique, confirmando sua estratégia de buscar a superioridade e o controle do mar no teatro de operações. No dia seguinte, o presidente do Peru, Mariano Ignacio Prado Uchoa (1826-1901), decretou guerra ao Chile (ESPOSITO, 2016).

A primeira batalha naval teve a iniciativa das ações realizada pelo Peru, que procurou, e conseguiu, furar, provisoriamente, o bloqueio naval chileno em Iquique. A vitória tática não se estendeu ao nível estratégico, pois a perda da sua importante fragata

“*Independencia*” enfraqueceu a armada e favoreceu a vantagem marítima chilena. A partir daquele momento, se iniciaram as escaramuças realizadas pelo Almirante Miguel Grau Seminario (1834-1879), que no comando do Monitor Huáscar impediu por mais de três meses o avanço do opositor, fustigando constantemente sua marinha (TAUNAY, 1925).

O Chile precisava alcançar a supremacia naval antes de invadir o território peruano, a fim de obter a vantagem logística necessária para uma campanha de terra, porém até que a ameaça representada pelo *Huáscar* fosse removida, nenhuma tentativa de avanço poderia ser feita no sentido de desembarcar tropas¹⁰ (ESPOSITO, 2016, p. 7-8, tradução nossa).

Desta forma, a prioridade de Aníbal Pinto era destruir o Huáscar. Para isto, diversos reparos, modernizações e instalações de novos armamentos foram realizadas nos meios navais. A capacidade industrial chilena foi fundamental para a transformação de sua esquadra, possibilitando a preparação para a caçada ao navio capital peruano (SATER, 2007).

O ministro da guerra chileno, Rafael Sotomayor (1823-1880), planejou diversas armadilhas para afundar o Huáscar, porém Grau conseguia escapar com suas manobras. Em 8 de outubro de 1878, com a informação de que o capitânia da armada peruana se deslocava para Antofagasta, Sotomayor posicionou sua esquadra separada em duas divisões nas proximidades da ponta de Angamos. O objetivo era encurralar os navios do almirante peruano. Assim, as forças estavam posicionadas para a Batalha Naval de Angamos (SATER, 2007).

O principal confronto ocorreu entre o Huáscar de Grau e a fragata chilena Almirante Cochrane, comandada pelo oficial Juan José Latorre Benavente (1846-1912). Depois de várias manobras de posicionamento entre os dois meios, Latorre conseguiu vantagem, e com três salvas de tiros conseguiu, finalmente, vencer Grau e seu monitor. O almirante morreu na batalha, e se tornou um herói peruano. Os sobreviventes do Huáscar ainda tentaram afundar o

¹⁰ Texto original: *Chile needed to achieve naval supremacy prior to invading Peruvian territory, in order to gain the logistic advantage necessary for a land campaign, and until the threat posed by the Huáscar could be removed no attempt could be made to disembark troops.*

navio antes de sua captura, mas a marinha chilena conseguiu conter os danos e conquistá-lo. O navio ainda seria usado em proveito desta armada na guerra (SATER, 2007).

O resultado da batalha naval de Angamos foi decisivo para proporcionar superioridade marítima no teatro de operações ao Chile. Para dificultar a situação aliada, a corveta peruana “*Pilcomayo*” também foi conquistada em uma escaramuça, e usada posteriormente pelos chilenos. Os poucos navios ainda existentes da esquadra peruana se recolheram ao porto de Callao, e, salvo alguns desgastes isolados, a marinha chilena teve liberdade de ação no restante do conflito (SATER, 2007).

O Chile utilizou a vantagem estratégica de possuir o controle das linhas de comunicação marítimas para movimentar suas tropas nas campanhas terrestres. Além disso, bloqueou, em diferentes etapas do confronto, os portos de Arica e Callao e tomou os de Pisagua, Ilo, Pisco e Chilca, que serviram como bases logísticas em apoio ao avanço do exército (TAUNAY, 1925).

3.2 DE ANTOFAGASTA A TARAPACÁ: O CHILE CONTRA A ALIANÇA

Com liberdade de movimento pelo mar, o Chile concentrou pessoal e material em Antofagasta, e decidiu como primeiro objetivo conquistar o porto de Pisaguá. Defendido principalmente por tropas bolivianas, a localidade estava entre duas cidades bem protegidas pelos aliados, Arica, ao Norte, e Iquique, ao Sul. Encontrando pouca resistência, os chilenos dominaram a primeira parcela de território pertencente ao Peru. As forças perdedoras recuaram para a cidade de Tarapacá (TAUNAY, 1925).

A necessidade de proteger o porto conquistado fez com que o General Erasmo Escala Arriagada (1826-1884), comandante do exército chileno, avançasse com uma parcela da tropa até a vila de Dolores. Naquelas proximidades, houve disputa pelas colinas de San

Francisco. Mesmo em desvantagem numérica, Escala venceu os aliados, sobretudo em virtude do posicionamento tático de sua artilharia (ESPOSITO, 2016).

O general decidiu não perseguir o inimigo após a vitória, mesmo possuindo militares descansados em reserva. Esta foi uma ação tática que trouxe consequências negativas, pois possibilitou o reagrupamento das forças oponentes, reforçando o seu exército posicionado em Tarapacá (ESPOSITO, 2016).

Os aliados que se encontravam em Iquique (cerca de 1500 homens), ainda bloqueada pelas forças navais chilenas, quando souberam dos sucessos do inimigo em Piságua e em Dolores/San Francisco, desocuparam o local para concentrar esforços em Tarapacá. Antes da cidade ser rendida, destruíram tudo que não conseguiram carregar. Assim, o Chile obteve, sem grande esforço, mais um importante porto para sustentar seu esforço logístico (SATER, 2007).

Com o exército aliado reunido em Tarapacá, Sotomayor envia o tenente coronel José Francisco Vergara (1833-1889) para conquistar aquela pequena cidade, que ficava no final de uma ravina profunda e estreita. Mesmo com a solicitação de reforço de Vergara atendida antes do início das hostilidades, os chilenos novamente combateram o inimigo com forças desproporcionais (SATER, 2007).

Em desvantagem numérica, e com um plano de ataque mal elaborado, os chilenos perderam a surpresa da ofensiva e os aliados tomaram a iniciativa das ações. Com a prerrogativa do primeiro ataque, as tropas da aliança avançaram e conseguiram provocar o início de uma retirada dos oponentes. Este movimento se inverteu no meio da refrega, e o Chile conseguiu chegar até a cidade (SATER, 2007).

Achando que havia vencido por estar com a posse de Tarapacá, Vergara foi surpreendido novamente com um avanço do inimigo, que recuou para reagrupar e esperar o reforço. Desta vez não existiam condições de resistir. Com alto índice de perdas humanas o

Chile abandonou o combate. Os aliados conquistaram sua primeira vitória na guerra (SATER, 2007).

A batalha de Tarapacá foi cruel para ambos os lados. Os aliados alcançaram a vitória tática, mas cercados pelo exército de Sotomayor e sem apoio logístico, decidiram sair da cidade antes que fossem obrigados a se envolver em novo confronto. Assim, imprimiram uma difícil marcha para Arica. Mais uma vez o resultado estratégico pendia para o Chile (TAUNAY, 1925). O general peruano no comando das tropas aliadas Juan Buendía y Noriega (1816-1895) avaliou da seguinte forma:

O general Buendia, com efeito (*sic*), embora vencedor e de posse das posições que os chilenos lhe haviam tentado tomar, viu bem que os seus 5.000 homens, desfalcados com as perdas do dia, que não foram poucas, nunca poderiam sustentar o choque de todo o exercito (*sic*) inimigo, cuja vanguarda sómente (*sic*) conseguiria repelir, e que vinha a marchas forçadas. [...] Assim, pois, com bom fundamento ordenou o general peruano, às 11 horas do noute (*sic*), depois de ter dado algum descanso (*sic*) às (*sic*) suas tropas, o abandono da povoação e a marcha em retirada para o único (*sic*) ponto de abastecimento mais próximo – o porto de Arica – embora situado a 40 leguas (*sic*) de distancia (*sic*) (TAUNAY, 1925, p. 58-59).

O cenário no Peru e na Bolívia, sem suas minas de salitre, obrigados a manter um esforço de guerra e com Lima e La Paz recebendo as notícias do mau desempenho de suas forças, era de instabilidade político-econômica. Os presidentes Prado e Daza encontravam-se no teatro de operações acompanhando os movimentos de suas tropas, em Arica e Tacna, respectivamente. Com o objetivo de estabilizar as crises internas, presenciando o avanço chileno e cientes da condição sensível em que suas posições como chefes de Estado se encontravam, ambos retornaram para suas capitais (TAUNAY, 1925).

Prado e Daza não conseguiram se sustentar no poder. Assim, entre o final de 1879 e o início de 1880, Nicolás de Piérola Villena (1839-1913) executou um golpe de Estado no Peru e o general Narciso Campero Leyes (1813-1896) foi eleito presidente da Bolívia, após o Conselho de Estado depor Daza. Os presidentes derrubados fugiram, o peruano para os Estados Unidos da América e o boliviano para a Europa (TAUNAY, 1925).

3.3 O FIM DA ALIANÇA, O PERU COMBATE SOZINHO EM ARICA

Em meio às mudanças políticas aliadas, os chilenos se prepararam para a segunda campanha terrestre. Sua primeira ação foi tomar o porto de Ilo (outra base logística importante), localizado ao norte das cidades de Tacna e Arica, próximos objetivos militares chilenos. Antes de atingir seus alvos principais, o Chile precisava conquistar uma posição estratégica no terreno, o desfiladeiro de Los Angeles (TAUNAY, 1925).

Conhecida como “Termópilas¹¹ peruanas”, Los Angeles era uma passagem apertada entre duas montanhas da Cordilheira do Andes. O estreito foi campo de batalha para relevantes combates durante as guerras de independência peruanas e outras internas do país. Apesar de considerada inexpugnável pelo Peru, o Chile conquistou, com facilidade, a garganta de acesso para Tacna (TAUNAY, 1925).

No meio do Deserto do Atacama, a cidade de Tacna localizava-se em um entroncamento de estradas com valor estratégico. O exército chileno movimentou suas tropas por diversos caminhos, e determinou o ponto de encontro em Buenavista, nas proximidades da posição a ser conquistada. O general Manuel Baquedano González (1823-1897) era o comandante das ações de invasão da cidade, e discordou de Vergara, o líder de Tarapacá, que sugeriu envolver o exército aliado com uma finta. A intenção era cortar o apoio logístico e realizar uma manobra que favorecesse o exército, porém Baquedano optou por um avanço frontal (SATER, 2007).

Campero, o novo presidente boliviano, foi a Tacna para comandar o exército aliado. Antes do combate, decidiu não tomar a iniciativa das ações, principalmente por questões logísticas. O general optou por uma postura defensiva com três linhas de trincheira, colocando

¹¹ Desfiladeiro que consistia na única passagem por onde o exército persa de Xerxes I, com mais de 300.000 homens, poderia avançar, no qual foi retido por 7 dias pelo rei espartano Leônidas I, com 300 combatentes. Batalha ocorrida em 480 a.C. no contexto da II Guerra Médica (HERÓDOTO, 2006).

as tropas em uma posição elevada chamada Alto de la Alianza, a fim de proporcionar vantagem tática para a batalha (SATER, 2007).

Na noite anterior ao confronto, Campero, mesmo preparado para uma ação defensiva, acabou optando por buscar o inimigo em seu acampamento. Isto foi um erro tático, pois os chilenos conseguiram se ocultar, e o deslocamento só cansou a tropa aliada. Antes do combate, Baquedano ainda conseguiu um documento de inteligência onde constava quantas unidades os aliados possuíam, e como estavam posicionadas. Além disso, ainda enviou um grupo de reconhecimento para obter melhores informações (SATER, 2007).

Após o início do combate, os chilenos conseguiram avançar até a terceira linha de trincheiras, porém, por falta de tropas e munição, acabaram recuando para aguardar as reservas. Naquele momento, a luta transformou-se em um embate corpo a corpo com baionetas. Com a chegada do reforço, Baquedano alcançou a vitória, porém ao custo de muitas vidas desnecessariamente perdidas, consequência do ataque frontal decidido por ele (SATER, 2007).

O Chile conseguiu o controle de Tacna, mas o resultado das perdas de vidas humanas foi cruel para ambos os lados. Os bolivianos sofreram um maior número de baixas em relação aos peruanos. Além do êxito tático, o Chile ainda conquistou uma significativa vitória estratégica: a Bolívia deixou a guerra e, a partir daquela etapa, o Peru passou a se defender sozinho da ameaça invasora (SATER, 2007).

Baquedano perdeu 2.000 homens e os Aliados 5.000. As consequências políticas do Alto de la Alianza revelaram-se significativas: com esta batalha, a aliança peruano-boliviana foi definitivamente quebrada. As tropas bolivianas se retiraram para os Andes, e não tomaram mais parte na guerra¹² (ESPOSITO, 2016, p. 11, tradução nossa).

Próximo objetivo estratégico chileno, o porto de Arica era a principal base logística aliada. Após a saída das forças bolivianas do conflito, estava guarnecido somente por tropas

¹² Texto original: *Baquedano lost 2,000 men, and the Allies 5,000. The political consequences of Alto de la Alianza proved to be significant: with this battle, the Peruvian-Bolivian alliance was definitively broken. The Bolivian troops withdrew into the Andes, and took no further part in the war.*

peruanas, em sua maioria inexperientes, efeito das perdas em Piságuá, Dolores, Tarapacá, Ilo e Tacna. Defendida pelo coronel Francisco Bolognesi Cervantes (1816-1880), a cidade foi bem preparada para se proteger por uma composição de fortes e trincheiras. No centro da localidade, uma colina de nome “El morro”, por se tratar de posição privilegiada, foi guarnecida com boa artilharia (TAUNAY, 1925).

Isolada de qualquer apoio e cercada tanto por mar como por terra, Arica contava ainda com os canhões do monitor peruano “Manco Capac”, confinado pelo bloqueio naval chileno, que possuía condições de realizar salvas de tiros tanto contra as tropas inimigas, como nos navios bloqueadores. Em terra, além da estrutura de defesa mencionada, o coronel Bolognesi usou da capacidade de seu engenheiro para instalar minas de dinamite no entorno das fortificações (TAUNAY, 1925).

Com militares mais experientes, o Chile iniciou o avanço. As minas de dinamites foram acionadas, mas produziram estragos e perdas de vidas em ambos os lados, não surtindo o resultado esperado pelos defensores. A artilharia, proveniente de “El morro” e do “Manco Capac”, não foi suficiente para conter o inimigo. Os navios que efetuavam o bloqueio naval demandaram o porto, e a tripulação do monitor peruano, temerosa de que o navio caísse em mãos chilenas, forçou o afundamento do meio. O Chile conquistou a última posição peruana no Deserto do Atacama (TAUNAY, 1925).

3.4 A OCUPAÇÃO DE LIMA E A RESISTÊNCIA PERUANA

Ao final das campanhas de Tarapacá e Tacna-Arica, os Estados Unidos da América foram aceitos como mediadores para negociações de paz, realizadas em Arica, a bordo da corveta estadunidense “Lackawanna”. Os peruanos e bolivianos, que também foram

convocados e enviaram representantes, não aceitaram os termos do Chile. A tentativa de paz não obteve sucesso (TAUNAY, 1925).

Em Santiago, o presidente Aníbal Pinto procurou evitar a continuação da guerra, mas a pressão popular e os questionamentos políticos do congresso impediram o término do conflito. O Chile iniciou grande esforço logístico para a campanha de conquista da capital peruana, Lima. Para transporte de pessoal e material, o governo chileno comprou e adaptou pequenas embarcações, e ainda utilizou navios de companhias particulares de transporte marítimo (ESPOSITO, 2016).

Com dificuldades financeiras para manter a guerra, Aníbal Pinto autorizou o almirante Patricio Lynch (1824-1886) realizar incursões de pilhagem e confisco de bens na costa Norte peruana, entre Paita e Quilca. Além da arrecadação de recursos, essa operação buscou, sem sucesso, forçar a aristocracia do Peru a convencer o ditador Piérola a se render. Adicionalmente, tentou desviar defesas de Lima para essa região, o que também não aconteceu (SATER, 2007).

Do lado peruano a maior dificuldade era a arregimentação de pessoal para a defesa de sua capital. Piérola realizou uma grande convocação de todos os homens em condições de lutar, pois havia poucos militares remanescentes do exército. Concomitantemente, o governo tentou, sem êxito, apoio diplomático e militar de diversos países. Sua principal vantagem era logística, e durante a preparação de Lima foram construídas fortificações em posições estratégicas para sua defesa (SATER, 2007).

A concentração chilena ocorreu no porto de Pisco, que foi tomado sem dificuldade. Foram necessários três comboios para movimentar todo pessoal e material. Para a campanha de Lima, o exército deslocou militares que estavam concentrados em Arica e Valparaíso. Em 25 de dezembro de 1880, Lynch e sua esquadra encontraram-se com as forças invasoras, que já estavam nas proximidades da capital peruana (TAUNAY, 1925).

Apesar de bloqueada pelo mar desde abril de 1880, Lima estava bem protegida com três linhas de defesa por terra, com posições fortificadas para apoio de fogo. Em 13 de janeiro de 1881, o exército chileno atravessou a primeira camada de proteção, que estava concentrada na cidade de Chorrillos (ESPOSITO, 2016).

Com o avanço das tropas chilenas, Piérola fugiu para o interior, e não exerceu papel de relevância no restante do conflito. A última resistência antes de Lima, que se encontrava em Miraflores, foi rompida em 15 de janeiro. O Chile tomou a capital dois dias depois. O que restou do exército peruano se refugiou em duas regiões diferentes. A maior parte nas montanhas da Cordilheira dos Andes, liderada pelo general Andrés Avelino Cáceres (1833-1923), que exerceu uma guerra irregular contra os invasores. A outra parcela na cidade de Arequipa, sob as ordens do Almirante Juan Lizardo Montero Flores (1832-1905) (ESPOSITO, 2016).

Foco da resistência, o exército de Cáceres também possuía o apoio dos índios dos altiplanos e de constantes reforços provenientes de Arequipa. Designado como comandante das forças de ocupação em Lima, o almirante Lynch foi obrigado a enviar penosas incursões aos Andes peruanos, na tentativa de acabar com a guerra de desgaste contra a capital (SATER, 2007).

Durante quase três anos, a resistência proveniente dos Andes peruanos representou a principal ameaça ao exército do Chile. Em 10 de julho de 1883, na batalha de Huamachuco, a uma altitude de mais de 3.000 metros, os chilenos conseguiram empreender pesadas baixas no inimigo, porém não capturaram Cáceres. Aproveitando-se da debilidade de seu maior opositor, Lynch invade Arequipa, importante fonte de suprimentos e pessoal para a guerrilha de Cáceres. O almirante Montero, que comandava as forças na cidade, fugiu para a Bolívia (SATER, 2007).

Finalmente, em 20 de outubro de 1883 foi assinado, pelo substituto de Montero, general Miguel Iglesias Pino de Acre (1830-1909) o tratado de paz de Ancón. Apesar de

concordar com o final da guerra, Cáceres, principal liderança naquele momento, iniciou uma disputa pelo poder do Peru com Iglesias. As tropas chilenas desocuparam Lima em novembro, e a guerra era oficialmente encerrada (SATER, 2016).

Após desenvolvermos o conceito de fricção clausewitziana e contextualizarmos as campanhas da Guerra do Pacífico, procederemos à aplicação da teoria na realidade estudada. Apresentaremos os atores e fatores que geraram fricção durante o conflito, bem como identificaremos exemplos que comprovem, ou não, a efetividade do conceito concebido pelo estrategista.

4 AS FRICÇÕES NAS CAMPANHAS DA GUERRA DO PACÍFICO

De posse da explicação sobre a fricção de Clausewitz dentro de sua teoria e de conhecimento significativo sobre a Guerra do Pacífico, temos condições de efetuar um estudo da aplicação do conceito na realidade. Nosso objetivo neste capítulo é analisar os indícios da existência de fricção no objeto escolhido, que delimitamos no tempo e no espaço. Adicionalmente, examinaremos se estas evidências foram determinantes para o resultado estratégico do conflito.

Para isto, dividiremos nosso raciocínio em três etapas. Nossa organização será estruturada na classificação proposta por Coutau-Bégarie (2010), separando o conceito aprendido nos seus sentidos amplo e restrito. Ao final, realizaremos uma síntese da análise, com enfoque nos efeitos estratégicos das fricções. Desta forma, acreditamos alcançar nosso propósito, qual seja, verificar de que forma a fricção influenciou na Guerra do Pacífico, e se essa atuação representou consequências para o nível estratégico.

Primeiramente, abordaremos os fatores externos que atuaram nas forças armadas dos países envolvidos. Essa seção será decomposta em diferentes origens da fricção clausewitziana, a fim de possibilitar um entendimento mais didático do nosso estudo. Em seguida, trataremos dos obstáculos endógenos que atuaram sobre os comandantes e suas forças. Ao final, sintetizaremos as argumentações realizadas, buscando suas implicações para o nível estratégico das fricções encontradas. É importante ressaltar que as amostras identificadas na nossa investigação não descartam a existência de outros vestígios do conceito na guerra em questão.

4.1 A ATUAÇÃO DA ATMOSFERA DA GUERRA NAS FORÇAS

Dividimos esta seção em três exemplos diferentes de fricções. Assim separamos pelos fatores externos que atuaram nos atores do conflito. Utilizaremos a dialética do pensamento de Clausewitz, ou seja, buscaremos a ação dinâmica entre dois polos, neste caso, fatores da atmosfera da guerra atuando nos atores, as forças armadas dos países envolvidos. A dureza imposta pelos deslocamentos no ambiente desértico do Atacama, os obstáculos do ambiente marítimo no oceano Pacífico e as agruras da Cordilheira dos Andes serão nossos fatores externos para análise.

4.1.1 Os impactos do Deserto do Atacama

Duas das principais batalhas da guerra, Tarapacá e Tacna, passaram-se no ambiente do Deserto do Atacama. A severidade do clima, a alta variação de temperatura e as chuvas praticamente inexistentes, que representavam calor tórrido durante o dia e frio congelante à noite, fustigaram os militares (ESPOSITO, 2016). Essa é uma fonte de fricção que possuía alta probabilidade de influenciar no conflito, por isso optamos por investigá-la.

Em Tarapacá, como já abordamos antes, a desproporcionalidade de tropas foi um dos motivos que resultou na derrota chilena (SATER, 2007). Taunay (1925), nos fornece outro motivo que contribuiu para o insucesso dos perdedores, o que levanta a possibilidade da atuação da fricção Clausewitziana naquela batalha:

Ha (*sic*) muitos rasgos de valor; mas ás 4 horas da tarde 1.400 chilenos, prostrados de fadiga, abrazados (*sic*) de sede (*sic*) e fome, são forçados á (*sic*) retirada, que effectuam (*sic*) em boa ordem; restos dos 2.000 e tantos que haviam atacado Tarapacá. Seiscentos cadáveres (*sic*) alastravam o estreito campo de acção (*sic*), e o mais estava disperso pelos mattos (*sic*), á (*sic*) espera da formação de um núcleo, a que se pudesse encostar (TAUNAY, 1925, p. 56).

Cabe lembrarmos que após entrarem na cidade os chilenos interromperam o avanço, o que possibilitou aos aliados se reagruparem e aguardarem o reforço para nova ofensiva (SATER, 2007). A fadiga citada por Taunay (1925), certamente, influenciou na parada do exército chileno, o que nos sugere que essa fricção foi também um dos motivos que contribuíram para o fracasso do coronel Vergara e sua tropa.

Outro fator que colaborou para o cansaço, em virtude do causticante clima desértico, foram as decisões, tanto de Vergara, como do comandante responsável pelas tropas de reforço solicitadas por ele, general Justo Arteaga Cuevas (1805-1882), de não prepararem suprimentos suficientes, principalmente água, para o deslocamento de seus militares (SATER, 2007).

A marcha para Tacna foi outro grande desafio para os chilenos. Sater (2007) destaca que os uniformes dos soldados encharcados de suor durante o dia eram convertidos em fardas congeladas à noite. Além do implacável ambiente do Atacama, o mesmo autor ressalta que as tropas ainda sofreram com muitas doenças, principalmente varíola hemorrágica e disenteria, pois as condições de higiene também eram precárias. A sede levou alguns homens a ingerirem a própria urina e até se suicidarem. Antes de encontrar os inimigos, o Chile perdeu grande quantidade de militares.

Do lado aliado não havia esse obstáculo. Abrigados em Tacna, peruanos e bolivianos usufruíam de logística adequada, inclusive de boa alimentação e hidratação (SATER, 2007). É possível que essa situação tenha contribuído para a equivocada decisão do general Campero, de buscar os chilenos em seu acampamento antes da batalha. Essa tentativa de se aproveitar da fadiga do inimigo, configurou-se em resultado inverso, pois levando seus homens ao encontro do adversário, expôs a tropa às adversidades do deserto, equalizando, de certa forma, o cansaço físico do oponente.

Mesmo com todas as agruras enfrentadas, os chilenos se mostraram firmes na manhã da batalha. Orações, gritos de ordem em honra à pátria e o canto do hino nacional chileno, demonstravam como os combatentes estavam com espírito aguerrido para o confronto. Do outro lado do campo de batalha, os aliados também executaram esses cerimoniais, mas ainda sim havia um clima de ansiedade maior (SATER, 2007).

Desta forma, em Tacna, percebemos que houve a ocorrência de fricção sobre o exército chileno, principalmente no deslocamento das tropas. Naquela batalha, conseguimos identificar uma das soluções sugeridas por Clausewitz para minimizar o efeito negativo do conceito estudado: o moral elevado da tropa.

Essa resposta à fricção clausewitziana não só proporcionou resistência ao cansaço físico da marcha, como permitiu superar a cruel ofensiva frontal que Baquedano empregou como tática. Paradoxalmente, como comenta Taunay (1925), foi uma variável que o comandante em campo considerou antes de decidir, pois utilizar uma manobra de envolvimento do exército aliado, que pouparia vidas no combate, demandaria mais tempo para execução. Assim, o general determinou a difícil ordem de empregar seus homens em uma tática com maior risco de perdas humanas. O provável objetivo era não abalar o moral dos combatentes, com mais dias de privações, principalmente a falta de água:

[...] adiamento fatal para os chilenos, pois é preciso não esquecer que sobre eles pairava, sinistro e ameaçador, um terrível fantasma – a sede (*sic*). [...] Foi esse mesmo receio da falta de água (*sic*) que levou o general Baquedano a apressar o assalto directo (*sic*) das posições de Tacna e a deixar de lado o plano, muito menos mortífero, mas muito mais longo, de tornejar aquellos (*sic*) morros todos e buscar a retaguarda da povoação, deslocando sem grande trabalho os aliados (*sic*) das suas respectivas linhas (TAUNAY, 1925, p. 79).

Naquele episódio, percebemos o vértice da violência e da paixão do povo se destacarem em relação ao planejamento do comandante e de suas forças. Apesar de a fricção ter atuado no exército chileno, seus militares, parcela do povo, sobrepujaram a utilização de

uma tática, que demandou um maior sacrifício de vidas humanas, com uma vibrante força para vencer o inimigo.

4.1.2 A utilização das características geográficas do mar

Durante a batalha naval de Iquique, a perda da fragata peruana “*Independencia*” representou relevante diminuição do poder combatente para os aliados. A falta de um navio desta importância, no confronto decisivo nas águas do Pacífico em frente a Angamos, quatro meses mais tarde, não pode deixar de ser considerada em uma análise mais abrangente da guerra.

Sem dominar a prática da navegação na área do combate, o comandante da fragata optou por perseguir a “*Covadonga*”, em detrimento da possibilidade de perder o seu próprio navio, o que acabou acontecendo. Naquele episódio, podemos perceber como a paixão prejudicou o vértice da probabilidade da trindade clausewitziana. O comandante e suas forças, não contiveram o seu ímpeto, lembrando que os militares representam parcela do povo, ou seja, passíveis de externar seus valores morais.

Assim, a circunstância em que esse fato ocorreu, também caracterizou uma fricção ampla. O comandante da “*Covadonga*”, oficial Carlos Arnaldo Condell De La Haza (1843-1887), utilizou seu conhecimento dos altos fundo próximos ao litoral, para compensar a desproporcionalidade de força entre seu navio e a “*Independencia*”, colocando esta perante uma fonte do conceito de Clausewitz que estamos investigando, as dificuldades impostas pelas características geográficas na guerra real.

Esse combate de Iquique houvéra (*sic*) sido brilhante e profícuo para o Perú (*sic*), caso não se tivesse dado a perda completa da *Independencia*, que corrêra (*sic*) no encalço da *Covadonga* e com ella (*sic*) ia sustentando vivo fogo. A inferioridade d’esta (*sic*) era patente; mas o seu commandante (*sic*) Condell

não perdêra (*sic*) o sangue frio. Evoluciona com habilidade, e, com o conhecimento perfeito que tem da costa, arrasta a sua contendora para uns baixios que ele (*sic*), pelo pouco calado, atravessa sem perigo, mas onde a *Independencia* se encrava irremediavelmente (TAUNAY, 1925, p. 33).

O comandante da “*Independencia*” não priorizou a chance de perder sua embarcação, pois ignorou o fato de desconhecer o local onde tentou navegar, e manteve a ofensiva ao navio chileno. Nesta situação, podemos identificar que o entusiasmo da tripulação da fragata peruana em perseguir seu oponente, prejudicou sua atuação na guerra, diferentemente do moral elevado dos chilenos em Tacna. Ou seja, o balanceamento entre a paixão do povo e a chance e probabilidade das forças armadas deve ser constantemente medido e aferido pelo líder e seus liderados, para que cada vértice clausewitziano seja empregado na medida certa.

Cabe também destacarmos, que a decisão do comandante Condell, naquela situação específica, é um exemplo convincente do que Clausewitz intitulou de gênio militar. O oficial soube aplicar sua experiência e definiu uma manobra importante, que não só salvou seu navio, como destruiu o oponente, empregou a fricção a seu favor.

4.1.3 Os desafios da Cordilheira dos Andes

Mesmo após a tomada de Lima pelo Chile, não houve domínio completo do país. Ao contrário, comandada por Cáceres, uma combativa resistência surgiu na altitude da Cordilheira dos Andes. Com o apoio de populares, tanto da serra como da capital, intitulados “junta patriótica”, o general peruano pôde manter viva uma guerra de exaustão que tinha a altitude dos altiplanos andinos como a maior arma (SATER, 2007).

O novo presidente do Chile, Domingo Santa Maria (1825-1889), forneceu ao almirante Lynch um número insuficiente de meios e de pessoal para combater a guerrilha, que conseguiu manter-se ativa por quase três anos. Os guerrilheiros, chamados de “montoneros”,

fustigaram o exército chileno, pois possuíam vasto conhecimento das trilhas e dos caminhos tortuosos nos vales andinos, além de grande adaptação ao ambiente (SATER, 2007).

As várias incursões determinadas por Lynch fracassaram na tentativa de eliminar Cáceres e seu exército, que chegaram a se refugiar em locais de altitude com mais de 6.000 metros. Em contrapartida, as investidas dos montoneros na capital dificultaram cada vez mais a possibilidade do término da guerra. Sem recursos suficientes para manter o esforço de guerra, o almirante chileno aumentou a cobrança de tributos dos peruanos, inclusive na região andina, o que fortaleceu o apoio popular a Cáceres (SATER, 2007).

O ar rarefeito, as temperaturas congelantes, as tempestades de neves, eram as características do ambiente onde os embates da guerra irregular ocorreram. Esses obstáculos não eram as únicas dificuldades, surtos de tifo, febre tifoide, varíola e febre amarela aplacaram os militares chilenos, que não estavam acostumados com as endemias locais e não detinham o conhecimento do terreno (SATER, 2007).

Doenças, exaustão, deserções e falta de suprimentos, transformaram um exército com cerca de 5.000 homens em apenas 300 em uma das investidas chilenas contra Cáceres. Todo esse cenário fez com que Lynch chegasse a solicitar ao presidente Santa Maria o encerramento de incursões à Cordilheira dos Andes, no que foi desautorizado (SATER, 2007).

Após várias tentativas frustradas dos chilenos, e com aquisição de certa experiência no ambiente gelado dos altiplanos peruanos, o exército de Lynch, comandado por Alejandro Gorostiaga Orrego (1840-1912), venceu Cáceres em Huamachuco. Apesar da vitória, o general peruano conseguiu escapar e iniciou nova convocação de pessoal para sua milícia. Como principal fonte de fornecimento de pessoal, a cidade de Arequipa foi ocupada pelo Chile, e Cáceres acabou concordando com a assinatura do tratado de paz de Ancon (SATER, 2007).

A fricção exercida pela Cordilheira dos Andes contra os chilenos, nos mostra como um exército menor, com poucos meios, mas aproveitando-se do terreno e mantendo o moral

alto, consegue provocar forte impacto contra um inimigo teoricamente superior em poder combatente.

4.2 OS CHOQUES INTERNOS DA ALIANÇA

A fricção restrita, que analisaremos nesta seção, possui caráter endógeno, e representa todas as divergências entre a própria força, ou entre coalisões. Durante a Guerra do Pacífico, em vários momentos, Peru e Bolívia demonstraram discordâncias e acusações recíprocas. Essa falta de coordenação gerou dificuldades que pretendemos apresentar e interpretar, a fim de entendermos suas consequências.

Na batalha de Dolores/San Francisco, oficiais peruanos culpavam a artilharia boliviana de fogo amigo, o que teria provocado grande destruição e morte na própria força. Esse fato acarretou a retirada de parcela do exército do presidente Daza do conflito. Enquanto os aliados retraíram para Tarapacá, alguns militares da Bolívia seguiram rumo à Cordilheira dos Andes para voltar ao seu país (TAUNAY, 1925).

A relação entre peruanos e bolivianos em Tacna era desarmoniosa. Um fator que contribuiu para as divergências foi a presença de Daza como comandante das ações. A péssima reputação do general como líder, estimulava a rivalidade entre os aliados. Mesmo com a mudança de comando, pois o presidente boliviano foi obrigado a voltar para La Paz, na tentativa de evitar um golpe de Estado, não houve eliminação dessas desavenças (TAUNAY, 1925).

O substituto dos presidentes Prado e Daza, após suas saídas do teatro de operações, no comando geral das tropas aliadas, Almirante Montero, era considerado áspero e agressivo com seus subordinados. Isso causava grande descontentamento ao contingente boliviano. Na tentativa de minimizar essa fricção, o coronel peruano Eliodoro Camacho (1831-1899) solicitou

a presença do general Campero, que naquele momento já era o plenipotenciário da Bolívia, para comandar as tropas em Tacna (TAUNAY, 1925).

Ao final da derrota aliada, com a perda da cidade, Campero gerou mais uma fricção dentro da coalisão. O general atribuiu a derrota às tropas peruanas, principalmente pelas ações dos melhores combatentes do Peru, o Batalhão Victoria. Em contrapartida, o almirante Montero acusou Campero de debilitar o flanco que estava sob sua responsabilidade (TAUNAY, 1925).

Assim, após tantas rugas entre os aliados, as forças armadas bolivianas deixaram a guerra. Precisamos também ressaltar, que apesar do tratado de proteção mútua com o Peru de 1873, os bolivianos não possuíam boas relações diplomáticas com o vizinho, e a aliança era muito mais em virtude do inimigo em comum, do que pelo bom relacionamento entre os países.

Perú (*sic*) e Bolívia (*sic*) jamais se haviam harmonizado. Em 1878 estivera a guerra prestes a arrebentar entre as duas repúblicas. [...] Daza em 79 fizera propostas ao Chile para abandonar a aliança (*sic*) com os vizinhos. Durante a guerra haviam se manifestado, do modo mais evidente, os odios (*sic*) recíprocos de peruanos e bolivianos (TAUNAY, 1925, p. 100).

4.3 AS CONSEQUÊNCIAS ESTRATÉGICAS DAS FRICÇÕES

Para analisarmos as amostras de fricções deste capítulo, precisamos voltar ao pensamento de Clausewitz novamente. Nossa intenção é verificar se os exemplos do conceito que utilizamos neste trabalho influenciaram no nível estratégico da guerra real. Para isso, usaremos a dialética de meios e fins, identificando consequências táticas e estratégicas de cada manifestação de fricção que apresentamos.

Clausewitz defendeu que a tática possui como meio a utilização das forças armadas, com o fim de conquistar a vitória. Em relação à estratégia, o general prussiano utiliza como meio o combate, para alcançar um objetivo político-militar (ARON, 1986). Assim, realizaremos

essa investigação verificando qual foi o impacto da fricção nas forças armadas no nível tático, e qual foi sua implicação a nível estratégico.

No caso do efeito das características do deserto do Atacama, examinamos duas batalhas, Tarapacá e Tacna. A primeira de vitória tática aliada e a segunda chilena. Como nosso enfoque foi a fricção enfrentada pelo exército chileno, verificaremos se houve influência do conceito no nível estratégico para esse exército.

Para que a fricção sofrida pelo Chile em Tarapacá influenciasse sua estratégia, a perda da batalha deveria resultar na manutenção da cidade em poder dos aliados, o que não ocorreu. Assim, podemos verificar que a nível estratégico, não houve aproveitamento da vitória por parte de peruanos e bolivianos.

Em Tacna, a fricção foi contornada pelo Chile por uma de suas formas de minoração, elevado moral da tropa. Com isso, não há, nem em caráter tático, como afirmarmos que essa fricção atuou contra as forças armadas de forma significativa, pois o Chile venceu a batalha e se utilizou de forma positiva, no nível estratégico, dessa vitória. A conquista de Tacna possibilitou o avanço da tropa para Arica e, conseqüentemente, o domínio das principais cidades do Deserto do Atacama.

No embate entre a “*Covadonga*” e a “*Independencia*” precisamos olhar de forma holística o ambiente marítimo da guerra. Após a perda de um importante meio naval pelo Peru, na Batalha Naval de Iquique, a esquadra chilena venceu a batalha naval posterior, em Angamos, e conseguiu manter o restante da marinha peruana recolhida em seus portos, o que conhecemos como “esquadra em potência”.

Esse controle marítimo do Chile seria dificultado, caso a fragata “*Independencia*” participasse de Angamos juntamente com o Monitor “*Huáscar*”, de Miguel Grau. Dessa forma, na nossa avaliação, a fricção enfrentada pelo Peru na batalha naval de Iquique, na qual obteve

a vitória tática, representou uma derrota estratégica fundamental em face do avanço chileno durante a guerra.

Os obstáculos da Cordilheira dos Andes utilizados por Cáceres a seu favor, podem ser considerados inconclusivos em relação ao nível estratégico da guerra. É fato que as adversidades enfrentadas pelo exército chileno, nos embates na altitude dos altiplanos andinos, favoreceram o general peruano. Em contrapartida, a vitória dos militares do almirante Lynch em Huamachuco, apresentava uma nova fase na disputa pelo domínio dos Andes no Peru.

Com efeito, antes que essa etapa da guerra fosse decidida dentro do aspecto militar, houve solução política com a assinatura do tratado de Ancon. Assim, não possuímos elementos suficientes para definir se a atuação da fricção em questão influenciou na esfera estratégica do conflito.

Em relação às divergências entre peruanos e bolivianos dentro da aliança contra o Chile, devemos ressaltar que essa fricção causou o rompimento da coalizão. O Peru combateu metade da guerra sem o apoio do exército boliviano. Caso a Bolívia continuasse no confronto, haveria mais meios para se interpor à ameaça chilena. Em nossa avaliação esta ruptura foi uma importante vitória estratégica chilena.

Portanto, fomos capazes de identificar duas consequências principais do conceito de Clausewitz com efeitos no nível estratégico do confronto. A perda da fragata “*Independencia*”, que contribuiu para o controle do ambiente marítimo pelo Chile, possibilitando liberdade de ação para sua Esquadra, e a retirada boliviana da guerra após a batalha de Tacna, que representou grande diminuição do poder combatente dos aliados.

Desta forma, após analisarmos amostras de fricções dessa investigação, e justificarmos nossa seleção das que impactaram na dimensão estratégica, podemos afirmar que houve influência do conceito clausewitziano, estudado neste trabalho, nas batalhas e

movimentações de tropas na Guerra do Pacífico, conseqüentemente, impactando no resultado da contenda.

5 CONCLUSÃO

No princípio de nossa pesquisa, destacamos que, na realidade da guerra, a estratégia militar precisa considerar fatores internos e externos para a compreensão dos componentes que atuam sobre as forças armadas para além da questão do inimigo. O desenvolvimento adequado do elemento estratégico militar deve priorizar particularidades e situações inesperadas que surgem no conflito real. Sendo assim, apresentamos como tema um estudo sobre a fricção clausewitziana e suas manifestações na Guerra do Pacífico.

Ao longo da investigação, aprofundamos o entendimento do conceito escolhido e o correlacionamos com outros aspectos da teoria de Clausewitz. Para estruturarmos o pensamento, expomos informações relevantes sobre a conjuntura do confronto entre os aliados Peru e Bolívia e seu inimigo em comum, o Chile. Ao término do nosso desenvolvimento, realizamos uma análise, na qual, depois de identificarmos ocorrências de fricções, verificamos que houve impacto dessas no nível estratégico da guerra.

A subjetividade do autor de “*Vom Kriege*” nos possibilitou explorar seu pensamento estratégico, ancorado no conceito de fricção, mas relacionando outros de seus mecanismos, quais sejam, a trindade clausewitziana e a forma dialética de análise. Identificamos a característica atemporal da obra, que amplifica a validade da teoria. Assim, explorá-la em conflitos contemporâneos é um objeto relevante, e pode ser pesquisado em outras investigações.

A identificação de fricções exógenas e endógenas, as quais estas, originadas de desavenças entre peruanos e bolivianos, e aquelas, geradas pelos obstáculos do ambiente, em particular o Deserto do Atacama, as características geográficas do mar e a Cordilheira dos Andes, foram fundamentais para a validação de nossa metodologia, pautada no teste da teoria na realidade.

O objetivo do presente trabalho foi explicar o conceito de fricção na ocorrência dos problemas enfrentados pelas forças armadas chilenas, peruanas e bolivianas durante o conflito entre esses países, no período de 1879 a 1883. Nesse sentido, é importante destacarmos que, determinadas amostras de fricções identificadas neste estudo foram decisivas para o resultado do conflito em questão, pois contribuíram para a liberdade de ação do Chile no ambiente marítimo, e reduziram a capacidade de poder combatente dos aliados.

O trabalho demonstrou a relevância do conceito para o desenvolvimento estratégico militar, tendo em vista que dois efeitos encontrados, provenientes de fricções, atuaram sobre essa dimensão na Guerra do Pacífico. O primeiro foi a perda da fragata “*Independencia*” pelo Peru, que aumentou a mobilidade chilena dentro do teatro de operações. O segundo foi a retirada do exército boliviano da guerra após a batalha de Tacna, que resultou em fortalecimento relativo das forças armadas do Chile.

Após realizarmos todo esse caminho, conseguimos atingir nosso propósito, pois constatamos influências importantes no resultado da Guerra do Pacífico originadas por fricções clausewitzianas. Com isso, limitados às análises deste trabalho, podemos alegar que o conceito concebido pelo general prussiano é relevante para a execução da estratégia militar. Visto que, pequenas dificuldades geradas pelo ambiente da guerra, podem proporcionar vantagens ao oponente com capacidade de interferir no resultado da contenda.

A escolha de uma guerra passada no continente sul-americano nos permitiu aprofundar o conhecimento sobre a geopolítica regional do Brasil, especificamente em relação à origem de litígios entre Estados vizinhos. Não analisamos a situação atual desse problema, pois nosso propósito era diverso. Desse modo, nos ativemos às diferenças entre os países envolvidos na Guerra do Pacífico e às fricções encontradas nesse conflito. Porém, o exame do assunto é importante de ser abordado em pesquisas futuras. Há uma relevância importante para

a Marinha do Brasil, pois envolve a aspiração da Bolívia por uma saída para o mar, ambiente natural de atuação do poder naval.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. *Pensar a guerra, Clausewitz: a era européia*. Tradução de Elisabeth Maria Speller Trajano. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. 415 p.
- BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 5 v.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. 674 p.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. 921 p.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On war*. Oxford: Oxford University Press, 2007. 284 p.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de estratégia*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 776 p.
- ESPOSITO, Gabriele. *Armies of the War of the Pacific 1879-83: Chile, Peru & Bolivia*. Oxford: Osprey Publishing, 2016. 48 p.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científica*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p. (Coleção Aprender).
- HANDEL, Michael I. *Masters of war: classical strategic thought*. London: Frank Cass Publishers, 2001. 400 p.
- HERÓDOTO. *História*. Paris: Perseus Digital Library, 2006.
- HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. 176 p. (Coleção Ensaio Latino-americanos).
- HOWARD, Michael. *Clausewitz: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- PARET, Peter. *Clausewitz*. In: PARET, Peter (Ed.); CRAIG, Gordon A.; GOLBERT, Felix. *Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel à era nuclear*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2015. p. 235-269.
- SATER, William F. *Andean tragedy: fighting the war of the Pacific, 1879-1884*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007. 442 p.
- TAUNAY, Taunay, Alfredo d'Escragno, *A Guerra do Pacífico: Chile versus Perú e Bolívia*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1925. 169 p.
- WATTS, Barry D. *Clausewitzian friction and future of war*. Washington: Institute for National Strategic Studies, 2004. 123 p. (Coleção McNair Paper Series).

ANEXOS

ANEXO A - Mapa



FIGURA 1 - Avanço chileno pelo mar e principais batalhas da Guerra do Pacífico

Fonte: ESPOSITO, 2016, p. 11.

ANEXO B - Quadro

QUADRO 1
Cronologia da Guerra do Pacífico

(Continua)

DATA	EVENTO
06/02/1873	Peru e Bolívia assinam Tratado Secreto de Defesa Mútua.
04/05/1876	Hilarión Daza Groselle toma o poder como presidente da Bolívia.
02/08/1876	Mariano Ignacio Prado Ochoa torna-se presidente da Peru.
18/09/1876	Aníbal Pinto Garmendia torna-se presidente do Chile.
10/02/1878	Congresso Nacional da Bolívia aprova "Dez centavos Imposto" sobre a extração de nitratos.
14/02/1879	Ocupação pelo exército chileno de Antofagasta
01/03/1879	A Bolívia declara guerra ao Chile.
21/03/1879	Concentração chilena em Caracoles para a Batalha de Canchas Blancas ou Calama
23/03/1879	Batalha de Canchas Blancas ou Calama
03/1879	Navios chilenos desembarcam e ocupam os portos de Cobija e Tocopilla
01/04/1879	O Chile declara guerra à Bolívia e ao Peru.
05/04/1879	Bloqueio Naval chileno do Porto de Iquique
06/04/1879	Peru declara guerra ao Chile e torna público Tratado militar secreto de apoio mútuo com a Bolívia de 1873
07/04/1879	Divisão da Esquadra peruana desatraca do porto de Callao, a fim de desgastar o Bloqueio Naval chileno em Iquique
12/04/1879	Primeiras escaramuças navais entre chilenos e peruanos navios ao largo de Chipana.
17/04/1879	Presidente Daza da Bolívia parte com o exército de La Paz para o teatro de operações

Fonte: ESPOSITO, 2016; SATER, 2007; TAUNAY, 1925.

Nota: Dados trabalhados pelo autor. Compilação de dados das fontes.

QUADRO 1
Cronologia da Guerra do Pacífico

(Continua)

DATA	EVENTO
21/05/1879	Batalha Naval de Iquique
07/1879 08/1879	Ações do Monitor peruano Huascar a comando do Almirante Miguel Grau
08/10/1879	Batalha Naval de Angamos - morte do Almirante Miguel Grau - Monitor Huáscar capturado pelo Chile
19-26/10/1879	Batalha Naval de Angamos - morte do Almirante Miguel Grau - Monitor Huáscar capturado pelo Chile
02/11/1879	Batalha de Piságua
19/11/1879	Batalha de Dolores/San Francisco
22/11/1879	Aliados abandonam a cidade de Iquique
25/11/1879	Reconhecimento chileno de Tarapacá
26/11/1879	Presidente peruano Prado retorna para Lima
27/11/1879	Batalha de Tarapacá
29/11/1879	Bloqueio Naval chileno do Porto de Arica
12/12/1879	Nicolás de Piérola Villena torna-se ditador do Peru
18/12/1879	Presidente Prado foge de Lima para os Estados Unidos da América
23/12/1879	Dom Piérola assume o poder através de um Golpe sobre o Vice-Presidente peruano La Puerta
27/12/1879	Presidente Daza retira-se do comando das tropas da Aliança e foge para a Europa
28/12/1879	Presidente Daza deposto pelo Conselho de Estado boliviano.
01/01/1880	Reconhecimento chileno do Porto de Ilo

Fonte: ESPOSITO, 2016; SATER, 2007; TAUNAY, 1925.

Nota: Dados trabalhados pelo autor. Compilação de dados das fontes.

QUADRO 1
Cronologia da Guerra do Pacífico

(Continua)

DATA	EVENTO
19/01/1880	Narciso Campero eleito presidente da Bolívia.
25/02/1880	Desembarque chileno no Porto de Ilo
22/03/1880	Batalha de Los Angeles
09/04/1880	Bloqueio Naval chileno do Porto de Callao
19/04/1880	Assume como Presidente da Bolívia Dom Narciso Campero
10/5/1880	Concentração chilena em Buenavista para a Batalha de Tacna
20/05/1880	Morte do Ministro da Guerra chileno Dom Rafael Sotomayor
	Batalha de Tacna
26/05/1880	Peruanos tentam sem sucesso tomar a Ilha de São Lourenço em frente ao Porto de Callao
	Batalha de Arica
07/06/1880	Ditador peruano Piérola convoca habitantes de Lima para defender a cidade
03/07/1880	Afundamento do cruzador chileno Loa
07/1880	Governo norte-americano oferece mediação para a guerra
13/09/1880	Soçobramento da corveta chilena Covadonga
19/09/1880	Comandante Lynch, ocupa a cidade de Paita e Eten
24/09/1880	Parada militar em Lima com as tropas convocadas por Piérola

Fonte: ESPOSITO, 2016; SATER, 2007; TAUNAY, 1925.

Nota: Dados trabalhados pelo autor. Compilação de dados das fontes.

QUADRO 1
Cronologia da Guerra do Pacífico

(Continua)

DATA	EVENTO
16/10/1880	Comandante Lynch, ocupa Trujillo
22/10/1880	1ª Conferência de Paz a bordo da corveta norte-americana Lackawanna
25/10/1880	2ª Conferência de Paz
27/10/1880	Encerramento das conferências de Paz, sem acordo
15/11/1880	Suspende do porto de Arica a vanguarda do exército chileno para a tomada de Lima
19/11/1880	Desembarque da vanguarda chilena no porto de Paracas, próximo a Pisco e ao sul de Lima
20/11/1880	Tomada de Pisco e Ica
27/11/1880	1ª brigada chilena suspende de Arica para Pisco
02/12/1880	Desembarque da 1ª brigada chilena em Pisco
14/12/1880	Desembarque do restante do exército chileno em Pisco
18/12/1880	Restante do exército chileno desembarca em Pisco
20-23/12/1880	Comboio naval do exército chileno de Pisco para estabelecimento próximo ao Rio Lurin ao sul de Lima
25/12/1880	Início da ofensiva chilena contra o Peru na capital Lima.
25/12/1880	Brigada do comandante Lynch se encontra com o restante do exército em Lurin
13/01/1881	Batalha de San Juan/Chorrillos

Fonte: ESPOSITO, 2016; SATER, 2007; TAUNAY, 1925.

Nota: Dados trabalhados pelo autor. Compilação de dados das fontes.

QUADRO 1
Cronologia da Guerra do Pacífico

(Conclusão)

DATA	EVENTO
15/01/1881	Batalha de Miraflores
17/01/1881	O exército chileno toma a cidade de Lima
12/03/1881	O Chile instaura novo governo no Peru liderado pelo peruano Francisco García-Calderón
03/1881	Início da resistência peruana no interior do país
28/09/1881	García-Calderón retirado do governo, o Almirante peruano Lizardo Monteiro se declara novo líder do país
10/07/1883	Batalha de Huamachuco
07/1883	Término da resistência peruana do interior do país
03/1883	Almirante Monteiro cria novo congresso na cidade de Arequipa
20/10/1883	Peru assina o Tratado de Ancón com o Chile
11/1883	Exército do Chile se retira do Peru - término da Guerra do Pacífico

Fonte: ESPOSITO, 2016; SATER, 2007; TAUNAY, 1925.

Nota: Dados trabalhados pelo autor. Compilação de dados das fontes.